

# Liberdade e política em “O Ser e o Nada” de Sartre e “Entre o Passado e o Futuro” de Hannah Arendt

*Freedom and Politics in “Being and Nothingness” by Sartre and “Between Past and Future” by Hannah Arendt*

Roberto Carlos Favero\*

---

**RESUMO:** Hannah Arendt não está sozinha quando problematiza a liberdade no campo filosófico em pleno século XX. Sartre, também, foi desafiado a se confrontar com os limites e a possibilidade da liberdade dentro da História. Sartre constrói sua própria fenomenologia em *O Ser e o Nada* de maneira a abrir campo para uma filosofia que é, em primeiro lugar, uma filosofia do fazer, do agir, ou seja, como uma obra que se pretende “fenomenológica”. Ele alcança essa uma idéia de liberdade tão concreta e inseparável de sua facticidade, de seu ser no mundo? Tanto Hannah Arendt quanto como Sartre, se preocupam com a liberdade como questionamento central em seus escritos, bem como revelam a necessidade de resgatá-la e preservá-la, seja para evitar a dominação e a exclusão social, seja para evitar um Totalitarismo. Para a intelectual judia, a liberdade, propriamente dita, só pode ser exercitada se inserida no espaço público, especialmente, no espaço político, fato esse cuja inexistência foi a razão da desconfiança da esfera pública.

**PALAVRAS-CHAVE:** Liberdade, Política, Ética e Compromisso.

**ABSTRACT:** Hannah Arendt is not alone when she discusses freedom in the field of philosophy in the twentieth century. Sartre, too, was challenged to confront the limits and possibilities of freedom within the story. Sartre creates its own phenomenology in *Being and Nothingness* in order to open the field to a philosophy that is in First, a philosophy of doing, acting, or as a work purporting to be "phenomenological" reaches an idea of freedom as concrete and inseparable from their daily experience, his being in the world? Both Hannah Arendt as Sartre, who are concerned with freedom as the central question in his writings, as well as reveal the need to rescue it and preserve it, is to avoid domination and social exclusion is to avoid a totalitarianism. For the Jewish intellectual, freedom, itself, can only be exercised if inserted into the public space, especially in political circles, a fact whose absence was the reason for distrust of public sphere.

**KEYWORDS:** Freedom, Politics, Ethics and Commitment.

---

\* Doutorando em Filosofia – UNISINOS. Contato: robertocarlosfavero@yahoo.com.br

## Introdução

A partir dos escritos filosóficos, especialmente na obra *Entre o Passado e o Futuro*, a autora Hannah Arendt questiona sobre possíveis saídas a serem pensadas, capazes de levar o homem a “construir” sua liberdade, isto é, a questionar sobre quais seriam os passos e o espaço de constituição da liberdade como maneira de se opor a uma forma de governo e de dominação. Arendt atenta para um novo problema na constituição da liberdade - a defesa de um novo sentido da política, ou, ao menos, uma nova compreensão para o sentido da política. O que impulsionou a autora a argumentar que a própria razão do ser da política é a liberdade? O que levou a autora a afirmar que o declínio da liberdade e a sua separação da política teria existido em razão do aparecimento no final da Antiguidade das noções de poder e de dominação?

Hannah Arendt não está sozinha quando problematiza a liberdade no campo filosófico em pleno século XX. Sartre, também, foi desafiado a confrontar os limites e a possibilidade da liberdade na História. Sartre elabora sua própria fenomenologia em *O Ser e o Nada* de maneira a abrir campo para uma filosofia que é, em primeiro lugar, uma filosofia do fazer, do agir, ou seja, como uma obra que se pretende “fenomenológica”. Nesse sentido se pode questionar: ele alcança uma ideia de liberdade tão concreta e inseparável de sua facticidade, de seu ser no mundo?

A estrutura ambígua do fenômeno, que não é nem *Em-si*, embora o *Em-si* seja o ser do fenômeno e não é consciência, apesar de surgir graças a ela mostra a ambiguidade do desvelamento do mundo. Essa concepção de fenômeno, como produto misto da consciência e do *Em-si*, é derivada da liberdade como relação entre consciência (*Para-si*) e o existente (*Em-si*). Para Sartre, a liberdade é o que permite desvelar o mundo. É na liberdade que está fundada a ideia de fenômeno, pois o mundo aparece através da escolha que cada um faz de si mesmo. Fazemos de nós mesmos.

A liberdade constitui a razão mesmo da existência do ser *Para-si*, algo que se confunde com o próprio modo de existir da realidade humana. Não se trata de um privilégio eventual, de uma propriedade a conquistar. Nem se confunde com vontade, decisão consciente, deliberação racional. O problema consiste em definir, precisamente, as características dessa liberdade ontológica e nos desvencilharmos das interpretações equivocadas a que se viu sujeita essa noção essencial do sistema filosófico de Sartre, como veremos na exposição a seguir.

## Hannah Arendt e a ruptura entre o passado e o futuro

A autora ressalta que a Ciência Moderna modificou a relação do homem com o mundo. Ela foi “capaz de emancipar-se completamente de todas as semelhantes preocupações antropocêntricas, isto é,

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 140-161
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	------------

verdadeiramente humanísticas, (...) Para o cientista o homem nada mais é do que um observador do universo em suas múltiplas manifestações”.<sup>1</sup>

A própria linguagem usada pela ciência também demonstrava a descontinuidade com os períodos anteriores, pois deixou de utilizar o linguajar comum e passou a ter um maior refinamento conceitual. Desvinculando, assim, o homem da natureza, contrariando a característica corrente no Período Medieval, ao tornar a natureza um objeto de estudo, de manipulação e de dominação, a linguagem não poderia deixar de indicar essa separação.<sup>2</sup> Essa importância de produzir, mesmo ao nível do conhecimento científico, tornou-se maior do que a do pensar. A razão<sup>3</sup> científica baseada no processo e no produto, passou a ser bastante valorizada.

A tradição, frente às novidades, não fornecia mais o suporte necessário para resolver os problemas surgidos gerando perplexidades tornando-se, segundo a autora, uma questão política. Esse rompimento da tradição ocorreu de forma não deliberada o que lhe confere “uma irrevogabilidade que somente os acontecimentos nunca os pensamentos podem ter”.<sup>4</sup> Até então, o homem ocidental havia utilizado a tradição para transpor a lacuna entre passado e futuro sem mesmo ter consciência dela. A compreensão dos acontecimentos ocorridos e percebidos reconcilia o homem com a realidade, motivo pelo qual a análise do como e do por que essa ruptura ocorreu, tornou-se de capital importância.

Arendt forneceu importantes contribuições teóricas sobre o conceito de liberdade na filosofia do século XX porque os temas filosóficos que a autora aborda são de extrema importância nos tempos atuais. Ela propõe e avalia questões: violência, tecnologia, a banalização do mal e a emergência do totalitarismo entre outros relevantes temas. Ao lançar o convite para que "pensem sobre o que estamos fazendo" a pensadora nos desperta para uma reflexão sobre a nossa própria condição. O pensamento de Arendt pode ser agrupado em três vertentes ou ocupações: o diagnóstico da contemporaneidade, a análise do totalitarismo e a tentativa de orientação para possíveis saídas dos impasses políticos. Mas, afinal, qual é o conceito de política para a autora? Para a pergunta sobre o sentido da política existe uma resposta tão simples e tão concludente em si que se poderia achar as outras respostas dispensáveis por completo. Tal resposta seria: o sentido da política é a liberdade.<sup>5</sup>

Segundo Arendt, a palavra política deriva da denominação grega *polis*, pois essa “organização historicamente ímpar da cidade-estado grega evoca as experiências da comunidade que pela primeira

<sup>1</sup> ARENDT, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1992. p.327.

<sup>2</sup> SCHIO, Sonia Maria. Hannah Arendt: história e liberdade (da ação à reflexão). Caxias do Sul : EDUCS, 2006. p. 28.

<sup>3</sup> Um exemplo notório são as idéias de Thomas Hobbes, na obra *O Leviatã* defende que o sujeito é racional quando é capaz de adequar os meios aos fins. A razão é um instrumento para satisfazer as paixões. Nesse contexto, relativizam-se os conceitos de bem e de mal, afirmando-se ser o bem o que satisfaz os apetites de glória, dinheiro e poder. (Cf. Hobbes, T. *Leviatã*, p. 31-37)

<sup>4</sup> ARENDT, HANNAH. *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1992. p. 55.

<sup>5</sup> ARENDT, Hannah. *O que é Política*. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. p. 38.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 140-161
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	------------

vez descobriu a essência e a esfera do político”.<sup>6</sup> Explica a autora que as experiências grega e romana legaram aos povos futuros esse conceito que contém a sua própria dignidade. Elas foram fundadas para dar lugar à autonomia plena àqueles que fossem livres.

Na política grega eram considerados livres os liberados das necessidades de labor e de trabalho, ou seja, de sobrevivência, e também os que não estivessem submetidos a alguém, ou que não tivessem, por meio da guerra ou de dívidas, perdido a condição jurídica de seres livres. Além dos escravos, estavam excluídos também os estrangeiros, as mulheres e as crianças, reduzindo imensamente o número dos participantes na política, os cidadãos. Para participar da política não eram aceitos aqueles que estavam presos às atividades ligadas à sobrevivência, pois a política foi criada para que o espaço de liberdade fosse garantido. Nesse espaço, as capacidades individuais podem ser expostas. Ela afirma ainda que “tudo o que acontece nesse espaço de aparecimento é político por definição, mesmo quando não é um produto direto da ação”.<sup>7</sup>

Pode-se destacar como outra idéia importante da autora de *Entre o Passado e o Futuro* a defesa de que liberdade não equivale ao livre-arbítrio, mas está identificada na esfera da ação.

Os homens e mulheres tornam-se livres ao exercerem a ação e decidirem, em conjunto, seu futuro comum. Os homens são livres, diferentemente de possuírem o dom da liberdade enquanto agem. Ser livre e agir é a mesma coisa e para assegurar as condições da prática da liberdade, os seres humanos devem preservar o espaço público e renunciar a soberania.<sup>8</sup>

Arendt defende a liberdade como manifestação do homem no espaço público, mediado pela ação e pela linguagem. A Política privada da liberdade é uma compreensão distorcida de política, tanto quanto compreender a liberdade destituída da política. Esse espaço público é o local privilegiado onde uma significa a outra. Há nessas esferas uma sinergia, onde uma dá suporte à outra no tocante ao seu significado. Assim sendo, o campo da política é o campo da ação, que só é possível quando existe o uso da liberdade, não uma liberdade teórica, mas uma que se manifesta no mundo fenomênico.

Para Arendt:

O campo em que a liberdade sempre foi conhecida, não como um problema, é claro, mas como um fato da vida cotidiana, é o âmbito da política. E mesmo hoje em dia, quer o saibamos ou não, devemos ter sempre isso em mente, ao falarmos do problema da liberdade, o problema da política e o fato de o homem ser dotado de ação; pois ação e política, entre todas as capacidades e potencialidades da vida humana, são as únicas coisas que não poderíamos sequer conceber sem ao menos admitir a existência da liberdade.<sup>9</sup>

<sup>6</sup> ARENDT, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo : Perspectiva, 1992. p. 201.

<sup>7</sup> ARENDT, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*. São Paul: Perspectiva, 1992. p. 201.

<sup>8</sup> ARENDT, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1992. p.199.

<sup>9</sup> ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o Futuro*. São Paulo. Perspectiva, 1992. p. 191.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 140-161
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	------------

O espaço público, para ser preservado, requer a manutenção da cidadania e do direito a ter direitos. Qual é o conceito de cidadão que a autora apresenta? Para Arendt, cidadão é o ser humano atento e em contato com o mundo, interessado por ele e pelos seus assuntos. É alguém que vive na realidade, na pluralidade. Ser cidadão é estar no mundo entre pessoas e em igualdade política, pensando de forma autêntica, não fazendo do mundo uma fachada, atrás da qual se esconde. O oposto do cidadão seria um homem desligado do mundo, distante do espaço comum. Mas, também, pode ser aquele que se aproxima do mundo público, visando a apenas os próprios interesses. Atento apenas às suas preocupações e vivendo em uma redoma pessoal, onde não utiliza o senso-comum, não amplia o seu pensamento até o dos outros. Esse é o profissional da política, ele não é um cidadão, porque faz dos assuntos políticos um negócio<sup>10</sup>.

Nessa dimensão política, Arendt em sua obra *Sobre a Violência* diferencia poder de violência. Antes de tudo, distingue poder e violência de certos fenômenos que aparecem relacionados a eles: vigor, força e autoridade. A vigor manifesta-se como uma propriedade singular, individual, própria do caráter de uma pessoa e que possibilita a sua independência em relação às outras pessoas. A força, antes de tudo, é a energia liberada por movimentos físicos e sociais. “Autoridade” significa um reconhecimento inquestionável conferido a uma pessoa, um grupo ou instituição, sendo assegurada por meio do respeito, de forma que nem a coerção nem a persuasão são necessárias para que a autoridade seja obedecida. A violência se aproxima do vigor, pois pode ser exercida individualmente, no entanto, ela é caracterizada pela utilização de instrumentos que aumentam a vigor natural, podendo até substituí-los.<sup>11</sup> O poder por fim, corresponde à habilidade humana não apenas para agir, mas para agir em concerto. O poder nunca é posse privada de um indivíduo, pois pertence a um grupo de pessoas e permanece com existência apenas na medida em que o grupo conserva-se unido.<sup>12</sup>

Dessa forma, por isso, a autora confirma que todo o poder é gerado na convivência e na cooperação. A violência destrói o poder, uma vez que esta se baseia na exclusão da interação e da cooperação com os outros. O pensamento não produz coisas, mas ele se torna tangível no processo de retificação ao preço da própria vida. A liberdade política é sinônima de ação. É apenas no ato de agir que se efetiva o processo de construção do mundo onde os homens vivem, sendo que ela é a razão pela qual os homens convivem em comunidades politicamente organizadas.

Há política quando os indivíduos se encontram em um espaço físico diferenciado, público, no qual eles se reconhecem como cidadãos com simetria e assim se comportam, onde discutem e decidem

<sup>10</sup> Cf. SCHIO, Sonia M. *Hannah Arendt: história e liberdade (da ação à reflexão)*. Caxias do Sul: EDUCS, 2006, p. 195.

<sup>11</sup> Cf. ARENDT, Hannah. *Sobre a Violência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 61-63.

<sup>12</sup> Cf. ARENDT, Hannah. *Sobre a Violência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 60.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 140-161
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	------------

em grupo. A igualdade em política remete à possibilidade de participação no debate público e na exposição e discussão das opiniões. Por isso, nesse espaço, há lugar para as rivalidades e para o discurso e a ação, ou seja, para que cada um possa expressar-se, imprimindo sua imagem e sua concepção de mundo no espaço do aparecer no mundo público. Neste espaço, não existe totalitarismos. A autora questiona todo o tipo de autoritarismo. Arendt afirma: “uma forma autoritária de governo, com sua estrutura hierárquica, é a menos igualitária de todas as formas; ela incorpora a desigualdade e a distinção como princípios ubíquos”<sup>13</sup>

Isso representa, pois, uma contestação frontal à idéia do valor da pessoa humana enquanto fonte de todos os valores políticos, sociais e econômicos, e o aniquilamento do que a tradição formulara como justiça. Cria-se, então, todo um aparato, um universo burocrático, esta necessidade implacável e ao mesmo tempo desprovida de sentido que caracteriza os sistemas totalitários, por representar uma recusa à diversidade e à pluralidade humana.

Um dos aspectos mais importantes no pensamento de Arendt é a separação que ela faz entre esfera pública e esfera privada. Ou seja, a esfera pública é o espaço da palavra e da ação, onde ocorre o agir conjunto, a existência do "nós" e a manifestação da política. A esfera privada é o reino das necessidades do homem enquanto ser que precisa sobreviver, enquanto ser que possui necessidades biológicas.

Sartre, que também, vivenciou o problema e os limites da liberdade, bem como suas implicações com a política. Assim, o filósofo francês foi desafiado, sobremaneira, a definir a liberdade num mundo marcado por grandes guerras e pelas lutas de independência dos países de Terceiro-Mundo. Nessa perspectiva se pode questionar: Qual é a relação entre o pensamento político de Arendt e o conceito de liberdade desenvolvido na obra *O Ser e o Nada*? Como Sartre supera a necessidade e abre espaço para a emergência de uma liberdade baseada na fenomenologia? E quais são as implicações dessa forma de liberdade prática?

### **Sartre e a liberdade fenomenológica**

Sartre pertencente ao Existencialismo ou Filosofia da Existência que foi uma corrente filosófica contemporânea que se afirmou na Europa logo após a Primeira Guerra Mundial e se impôs no período entre as duas guerras Mundiais. O Existencialismo expressa e leva à conscientização a situação histórica de uma Europa fragmentada física e moralmente, assim experimentou em muitas de suas populações a perda da liberdade, com a implantação de regimes totalitários.

---

<sup>13</sup> ARENDT, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1992. p. 136.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 140-161
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	------------

A partir da obra *O Ser e o Nada*, pode-se observar que em todas as relações estabelecidas que se possa estabelecer na filosofia de Sartre<sup>14</sup> que não se pode apontar alguma mais íntima do que aquela que se dá entre liberdade e engajamento. Essas duas noções e a relação entre elas estão na base da própria definição Sartre Ana de existência e, nesse sentido, desempenham função nuclear na Filosofia Existencial. Para percebê-lo, basta lembrar como ambas são vistas, em seu verdadeiro lema: *a existência precede a essência*. A recusa da concepção tradicional, segundo a qual o homem possuiria uma essência dada *a priori* (animal racional, por exemplo), implica a aceitação de que o ser humano primeiramente surge na sua radical espontaneidade e depois se define, se faz aquilo que vem a ser. O primado da existência precisamente é esse ato de projetar-se, de lançar-se à frente de si mesmo, de fazer-se e de assumir-se no mundo por via da realização de alguma possibilidade.

Tudo isso está contido na acepção de *liberdade originária*, espécie de “grau zero” da realidade humana entendida fundamentalmente como existência. Não se trata, como se pensava na tradição filosófica, de compreender a liberdade como uma *faculdade* humana, disposição ou capacidade para agir livremente. Sartre não define o que é a liberdade, pois afirma que o homem é a própria liberdade.

A liberdade, portanto, não é uma qualidade que se acrescente às qualidades que já possuía como homem: a liberdade é o que precisamente estrutura o homem como homem, porque é uma designação específica da própria qualidade de ser consciente, de poder negar, transcender.

O caráter absolutamente originário da liberdade leva a entender que ela não é algo que o homem *tenha*, e sim algo que ele *é*. Ora, sendo antes de tudo liberdade, o homem não é propriamente nada, além das *possibilidades* de ser. É isso que o distingue das coisas e dos animais: não poder ser concebido na sua integridade essencial antes que o processo contingente de *existir* o leve a assumir por si mesmo um *projeto* de existência que tentará realizar como um modo de ser no mundo.

Para Sartre, o homem não possui uma “natureza humana”, pois não existe nenhum ser inteligível, como por exemplo, um Deus que possa conceder tal natureza. Não existe nenhum ser necessário que explique o por que do ser humano estar no mundo, ou o porquê de nascermos nesta época e não em outra, ou por que tal ação deve ser feita assim e não de outro modo. “Se, por um lado,

<sup>14</sup> Sartre nasceu em Paris, no dia 21 de junho de 1905. Com a morte do seu pai, em 1907, Sartre e sua mãe vão viver com os avós maternos na cidade de Meudon. Em 1933, Sartre consegue uma bolsa de estudos pelo Instituto Francês e vai para Berlim. Nessa época, além de entrar em contato com as ideias dos filósofos como Husserl, Heidegger e Scheler, fenomenólogos que influenciarão suas obras, Sartre assiste a tomada de poder pelos nazistas, fato que também marcará fortemente sua produção intelectual. A *Imaginação*, primeiro livro do autor, foi publicado em 1936. Depois, em 1938, veio *A Náusea*, livro que já apresenta indícios dos princípios da Filosofia Existencialista. No ano seguinte, é convocado para o serviço militar e acaba sendo preso pelos alemães. Quando é solto em 1941, volta para Paris e participa da resistência francesa. No ano de 1945, com o fim da Segunda Guerra, Sartre abandona seu trabalho de educador e aprofunda seus escritos sobre o existencialismo juntamente com Simone de Beauvoir, a célebre escritora com qual permanecerá sentimentalmente ligado por toda a vida. Em 1964, é agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura, mas resolve não aceitar. Declara Sartre: “Tudo isso é o mundo do dinheiro, e as relações com o dinheiro são sempre falsas”. (BENNY, Lévy. O Testamento de Sartre. V. 1, p. 68)

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 140-161
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	------------

Deus não existe, não encontramos diante de nós valores ou imposições que nos legitimem o comportamento”, escreveu ele.<sup>15</sup> Sendo assim, o que resta ao homem é apenas a sua liberdade, a liberdade como fundamento único e legítimo de todos os valores. “Se a liberdade é o valor supremo, o valioso é escolher e agir livremente.”<sup>16</sup>

Não existe algo preestabelecido que possa nos recomendar a agir desta ou daquela maneira, pois exclusivamente parte da consciência. “Logo, não há qualquer imperativo categórico universalmente válido e logicamente necessário, nenhuma lei ética geral que nos indique como devemos agir ou o que fazer nesta ou naquela situação”, explica Perdigão.<sup>17</sup> Não encontramos diante de nós nenhuma normatividade *a priori*, leis ou preceitos divinos que digam o que devemos fazer, mas situações que nos obrigam a escolher.

Por isso, Jean-Paul Sartre defende uma posição diferente de liberdade e de política. Na política, as posições de Sartre têm como eixo fundamental o problema da liberdade em suas mais diversas manifestações e situações econômicas, sociais, políticas e culturais. Compreende-se que no ponto de vista político, o autor, não estando ligado a nenhum partido político, defenda a luta de classes e esteja sempre do lado de quem luta, de quem se rebela até contra os regimes comunistas. Por isso ele visitou vários países europeus, africanos, asiáticos e americanos, dos Estados Unidos ao Brasil, da Itália à Rússia, da China ao Japão, de Israel ao Egito, sempre com o propósito de defender a liberdade. No entanto, a partir do segundo período pós-guerra, o Terceiro Mundo se tornou o centro das preocupações políticas de Sartre que se engaja na condenação das guerras da Argélia e do Vietnã e na defesa da Revolução Cubana contra os imperialismos francês e norte-americano, respectivamente. Essencialmente, as posições políticas de Sartre sobre o colonialismo francês na África circunscrevem-se à Argélia, a mais lucrativa colônia francesa.<sup>18</sup>

Dando continuidade a compreensão de liberdade, Sartre afirma que ao sermos lançados no mundo, não assumimos uma postura contemplativa, mas engajada, pois a consciência desvela o mundo atribuindo-lhe significações e só poderia ser dessa maneira, pois o sujeito é quem atribui significado ao mundo, por seus projetos de liberdade. Somos responsáveis pelo mundo, porque o elegemos. O

<sup>15</sup> SARTRE, Jean-Paul. *O Ser e o Nada, Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009. p. 227.

<sup>16</sup> SANCHEZ, Adolfo Vasquez. *Ética*. 15ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995. p. 287.

<sup>17</sup> PERDIGÃO, Paulo. *Existência e liberdade: uma introdução a filosofia de Sartre*. Porto Alegre: L&PM, 1995. p. 113.

<sup>18</sup> “Quando os camponeses recebem fuzis, os velhos mitos empalidecem, as proibições desaparecem uma por uma; a arma de um combatente é sua humanidade. Porque, nos primeiros momentos da rebelião, é preciso matar: matar a um europeu é matar dois pássaros com o mesmo tiro, suprimir de uma só vez a um opressor e a um oprimido: restam um homem morto e um homem livre; o sobrevivente, pela primeira vez, sente um solo nacional debaixo de seus pés.” (Jean-Paul Sartre - Prefácio do livro *Los Condenados de la Tierra* de Franz Fanon, 1 ed. Buenos Aires, 1961) Em *Os Condenados da Terra*, Franz Fanon expõe o drama da luta de libertação nacional na Argélia e, no prefácio do livro, Sartre defende a tese da “guerra justa”. Em ambos os textos, estão presentes idéias de solidariedade e de justiça social.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 140-161
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	------------

homem é o único legislador de sua vida e a liberdade a única lei de sua existência. Assim, o homem, que de início, nada é, irá definir-se pela sucessão de seus atos, pelas opções que faz de cada situação concreta.

É na liberdade que está fundada a idéia de fenômeno em Sartre, pois o mundo aparece através da escolha que fazemos de nós mesmos:

O mundo nos devolve exatamente, por sua própria articulação, a imagem do que somos. Não que possamos, como já vimos, decifrar esta imagem, ou seja, detalhá-la e submetê-la à análise, mas porque o mundo nos aparece necessariamente como somos; com efeito, é transcendendo-o rumo a nós mesmos que o fazemos aparecer tal como é. Escolhemos o mundo não em sua contextura Em-si, mas em sua significação, escolhendo a nós mesmos.<sup>19</sup>

A liberdade desponta já na origem do *Para-si*. Ao escapar ao Ser, recuando diante dele, o *Para-si* expressa essa liberdade, porque, não fosse livre, permaneceria encarcerado no Ser. É na liberdade que lhe possibilita nidificar o Ser e temporalizar-se, fugindo do passado e lançando-se em projeto aos possíveis futuros. A liberdade constitui a razão mesmo da existência do *Para-si*, algo que se confunde com o próprio modo de existir da realidade humana. Para Sartre, se toda a natureza é regida pelo determinismo, ao homem, e só a este, cabe o reino da liberdade.

O filósofo Francês exemplifica que o homem é diferente de uma pedra, deste *Ser-em-si-mesmo*, dessa realidade opaca, bruta, inanimada que, se a partíssemos ao meio continuaremos a ver pedras e nada além disso. Ela existe e pronto, é de fato, acabada, pronta. O *Ser-em-si-mesmo* não pode ser livre. Ao contrário, a realidade humana, o *Ser-para-si*, é essencialmente construção, possibilidade e projeto. Nenhum ser humano nasce pronto, acabado. O *Ser-para-si* constitui sua essência a partir de sua existência através da liberdade, da escolha.

A realidade humana é livre porque *não é o bastante*, porque está perpetuamente desprendida de si mesmo, e porque aquilo que foi está separado por um nada daquilo que é e daquilo que será (...). O homem é livre porque não é em si mesmo, mas presença a si. O ser que é o que é não poderia ser livre. A liberdade é, precisamente, o nada que é o *tendo sido* no âmago do homem e obriga a realidade humana a *fazer-se* em vez de ser<sup>20</sup>.

A liberdade, também, não poderia ser pura abstração ou absoluta transcendência, porque a consciência não vive apartada do mundo, mas inserida nele, comprometida pelo corpo no mundo do *Em-Si*, sujeita a necessidades concretas. Toda liberdade é liberdade situada na realidade objetiva,

<sup>19</sup> SARTRE, Jean-Paul. O Ser e o Nada, Ensaio de Ontologia Fenomenológica. Rio de Janeiro: Vozes, 2009. P.571.

<sup>20</sup> Cf. SARTRE, Jean-Paulo. *O Ser e o Nada, Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009. p. 545.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 140-161
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	------------

situada no campo da facticidade<sup>21</sup>. O compromisso é, por assim dizer, uma espécie de noção mediadora entre a liberdade e a facticidade, e representa, de certa forma, a decisão tomada a respeito de como se deve lidar com os fatos.

Assim, os elementos da facticidade que pesam no homem com a força das determinações, não são, irremediavelmente, determinantes: tudo está condicionado pela conduta que cada um assume em relação a eles. Por isso, Sartre defende a contingência do mundo histórico: ninguém está determinado a nada, por mais fortes que sejam os fatos que condicionam uma situação. Esse compromisso é experienciado na angústia.

Para Sartre,

O existencialista não tem pejo em declarar que o homem é angústia. Significa isso: o homem ligado por um compromisso e que se dá conta de que não é apenas aquele que escolhe ser, mas de que é também um legislador pronto a escolher, ao mesmo tempo em que a si próprio, a humanidade inteira, não poderia escapar ao sentimento da sua total responsabilidade.<sup>22</sup>

E, se consegue escapar por vezes, então age de má-fé.

Sartre reforça que toda liberdade precisa de um campo de resistência do mundo. Sem obstáculos não há liberdade. Para que haja liberdade, algo deve separar a concepção de um ato da realização concreta desse ato, apartando o projeto de seus fins. Só somos livres porque o fim a realizar, se acha separado de nós pela existência real do mundo.

### **Sartre: a liberdade como responsabilidade**

O fato de Sartre negar a intenção de falar sobre ética é um tanto curioso, pois a própria estrutura da consciência, se assim podemos dizer, pressupõe que toda ação seja moral, por sermos inteiramente responsáveis por tudo aquilo que fazemos e pelo que nos ocorre. A “responsabilidade” é tomada em seu sentido vulgar de “ser autor” de um acontecimento ou objeto: “tomamos a palavra ‘responsabilidade’ em seu sentido corriqueiro de ‘consciência (de) ser o autor incontestável de um acontecimento ou de objeto”, escreveu ele<sup>23</sup>. Sartre aceita a teoria da intencionalidade de Husserl: conhecer ou ter consciência é sempre ter consciência de alguma coisa, e ter consciência de alguma coisa significativa é

---

<sup>21</sup> Cf. SARTRE, Jean-Paul. *O Ser e o Nada, Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009. p. 607-608.

<sup>22</sup> SARTRE, Jean-Paul. *O Existencialismo é um Humanismo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009. p. 221.

<sup>23</sup> SARTRE, Jean-Paul. *O Ser e o Nada, Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009. p. 678.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 140-161
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	------------

estar diante de uma presença concreta plena que não é a consciência. De fato, pode-se chamar de subjetividade a consciência de ser consciência. Mas é preciso que esta consciência de ser consciência se qualifique de algum modo; e ela só pode qualificar-se como intuição reveladora, caso contrário nada será.<sup>24</sup>

Portanto, o autor extrai dessa descrição uma conclusão que não é husserliana, isto é, que a consciência jamais revela a si mesma, mas somente o outro, o conhecido, a realidade.

Sartre entende que o homem tem um compromisso com a humanidade. Ao escolher um projeto de vida, ele é, absolutamente, responsável pelo sustento desse projeto. Ele precisa sustentar, por meio do seu agir, os valores que compõem a moralidade servindo de parâmetro para a existência de toda a humanidade. Ao escolher um determinado tipo de homem, estamos escolhendo, não só o tipo que nos serve, mas que deve servir de protótipo para a humanidade toda. O homem, conforme o Existencialismo pensado por Sartre, é responsável não só por si, mas é responsável por todos. Mas, para isso necessita, inevitavelmente, fazer escolhas.

Para compreender melhor o conceito de escolha, faz-se necessário recorrer ao texto de sua conferência *O Existencialismo é um Humanismo*, onde Sartre argumenta de que ao se fazer uma escolha, cria-se uma auto-imagem do homem tal como ele deve ser, e, dessa forma, uma imagem que engloba toda humanidade, isto é, universal:

Quando dizemos que o homem se escolhe a si, queremos dizer que cada um de nós se escolhe a si próprio; mas com isso queremos também dizer que, ao escolher-se a si próprio, ele escolhe todos os homens. Com efeito, não há dos nossos atos um sequer que, ao criar o homem que desejamos ser, não crie ao mesmo tempo uma imagem do homem como julgamos que deve ser. (...) Assim, a nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, porque ela envolve toda humanidade.<sup>25</sup>

Dessa forma, para Sartre, na medida em que somos o ser pelo qual há um mundo, somos autores desse mundo, assim como de nós mesmos porque nos fazemos ser. Não como criadores ou produtores, mas na “maneira de ser”, na maneira como nos escolhemos em situação. A responsabilidade, não é, portanto, uma idéia simplesmente adicional à de liberdade, ela é constitutiva, podendo ser deduzida das descrições anteriores a respeito de nosso ser livre e da consciência.

Por isso, dirá Sartre, “a consequência essencial de nossas observações anteriores é a de que um homem, estando condenado a ser livre, carrega nos ombros o peso do mundo inteiro: é responsável pelo mundo e por si mesmo enquanto maneira de ser”.<sup>26</sup>

<sup>24</sup> SARTRE, Jean-Paul. *O Ser e o Nada, Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009. p. 34.

<sup>25</sup> SARTRE, Jean Paul. *O existencialismo é um humanismo*. 4 ed. Lisboa: Editorial Presença; Martins Fontes, 1978. p. 12-13.

<sup>26</sup> SARTRE, Jean-Paul. *O Ser e o Nada, Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009. p. 678.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 140-161
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	------------

Para facilitar a interpretação, recorreremos ao comentarista sartreano Perdigão que diz:

Na verdade, em *O SER E O NADA*, todo esforço intelectual de Sartre destinava-se a demonstrar que o homem é livre, ou seja, uma condição necessária para que o marxismo tenha algum sentido, pois este se propõe a oferecer ao homem meios que lhe permitam exercer essa liberdade. Quando o *PRAVTA*, de Moscou, escreveu em 1947 que “o existencialismo ignora o processo histórico”, Sartre respondeu que o único dogma do existencialismo é a afirmação da liberdade humana, explicando que a sua doutrina não conduz a um “quietismo de angústia”, mas, pelo contrário, define o homem pela ação prática: o homem deve criar a sua própria essência, e para isso deve lançar-se no mundo, sofrendo e lutando, assim definindo-se pouco a pouco. “O existencialismo – disse - é uma, filosofia humanista da ação, do esforço, do combate, da solidariedade.”<sup>27</sup>

O pensamento filosófico de Sartre, portanto, nos permite um alargamento de perspectivas e de compromissos éticos e sociais. O que propõe Sartre com seu pensamento é de recolocar sobre os ombros do homem, sujeito, a responsabilidade total de produzir e justificar seus próprios valores universais. Ao assumirmos, pois, nossas escolhas, e, conseqüentemente, nossas decisões, iremos superar as dificuldades geradas pelos outros ou por nós mesmos. Sartre, ao priorizar a ação humana, chama a atenção de cada indivíduo para a liberdade que possui e torna-se presente através do agir humano. O indivíduo tem, em suas mãos, a possibilidade de romper os processos e dizer não à conjuntura, modificando o rumo de suas ações e de refletir sobre suas ações no seu contexto existencial.

### Considerações finais

Como vimos tanto Arendt como Sartre se preocupam com a liberdade como questionamento central em seus escritos, bem como revelam a necessidade de resgatá-la e preservá-la, seja para evitar a dominação e a exclusão social, seja para evitar um totalitarismo.

Para a intelectual judia, a liberdade, propriamente dita, só pode ser exercitada se inserida no espaço público, especialmente, no espaço político, fato esse cuja inexistência foi a razão da desconfiança da esfera pública. Ela retorna ao pensamento grego para restituir a confiança perdida pela política no caminho histórico da humanidade, quando liberdade e política se identificavam na *polis*.

Arendt afirma que o fim da Antiguidade marcou também o fim do espaço público, em que os indivíduos livres eram aqueles que cuidavam dos outros, já que só através dos outros é que se poderia conhecer a si mesmo. Tudo isso fundamenta a tese de que a liberdade é o motivo que possibilita aos homens conviverem politicamente e sem a qual a vida política como tal seria privada de significado:

<sup>27</sup> PERDIGÃO, Paulo. *Existência e liberdade: uma introdução a filosofia de Sartre*. Porto Alegre: L&PM, 1995. p. 22.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 140-161
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	------------

“*a raison d’être*” da política é a liberdade e seu domínio de experiência é a ação”.<sup>28</sup> A ação que significa a liberdade é, para Hannah Arendt, aquela que traz em si a condição da pluralidade e a necessidade do espaço público para aparecer, pois é a ação que busca manifestar o outro

Por meio do pensamento de Sartre, descobrimos que nunca somos plenamente livres se os outros, também, não o são. A liberdade humana acontece no inter-relacionamento com os outros, na relação cotidiana com as pessoas. Se os outros nos oprimem, impedindo que nos manifestemos, então, nossa liberdade é precária, como também, sua? liberdade. Portanto, a liberdade acontece, quando as duas partes têm um compromisso com o outro. Assumindo, reciprocamente, a defesa pela liberdade de todos, em todas as formas de manifestação.

Sartre defende ainda a necessidade de um engajamento social em prol da construção de uma sociedade mais justa e responsável. O ser humano tem uma responsabilidade pessoal por tudo o que acontece dentro de sua história de vida. Assim, consideramos que a filosofia da liberdade de Sartre se resume em seu próprio dito: “o destino do homem está em suas mãos”.<sup>29</sup> Isto significa que o homem será o que tiver se projetado, porque o homem é liberdade.

Para ambos os pensadores, pensar a problemática da liberdade implica em refletir sobre a própria condição humana de um ser que vive em comunidade, pois transcende a própria fundamentação do coletivo, uma vez que a coletividade acarreta em homens compartilhando do mesmo espaço social, das mesmas crenças, de labores, e, talvez, dos mesmos propósitos de vida.

A liberdade está no cerne da vida coletiva na medida em que viver socialmente significa conviver com o outro, ou seja, em toda a vida social está implícita a relação entre o público e o privado. Ora, é exatamente nesta relação, significativa e fundamental da vida política que encontramos, inerente a esta relação, o problema da liberdade como uma resposta completa aos anseios mais profundos da existência humana.

O ponto de encontro entre os dois autores é, portanto, a necessidade de se descobrirem caminhos para que o homem possa ser efetivamente livre, ou seja, que o homem possa, através de uma consciência crítica social, inserido no contexto histórico e de um espaço público, construir sua liberdade, para forjar sua existência e recuperar a totalidade de sua dignidade humana.

---

<sup>28</sup> ARENDT, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1992. p. 192.

<sup>29</sup> SARTRE, Jean-Paul. *O Ser e o Nada, Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009. p.246.

## Referências

- AGUIAR, Odílio Alves. *Filosofia e Política no pensamento de Hannah Arendt*. Fortaleza : UFC, 2001
- ARENDT, HANNAH. *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo : Perspectiva, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Sobre a Violência* . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- \_\_\_\_\_. *A Dignidade da Política*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Homens em Tempos Sombrios*. São Paulo, Companhia das letras, 1999.
- \_\_\_\_\_. *O que é Política*. 4 ed. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2002.
- LAFER, Celso. *A reconstrução dos Direitos Humanos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BORNHEIM, Gerd A. *Sartre: metafísica e existencialismo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.
- MOUTINHO, Luiz D. *Sartre: existência e liberdade*. São Paulo: Ensaio, 1991.
- PERDIGÃO, Paulo. *Existência e liberdade: uma introdução a filosofia de Sartre*. Porto Alegre: L&PM, 1995.
- SANCHEZ, Adolfo Vasquez. *Ética*. 15ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- SARTRE, Jean-Paul. *O Ser e o Nada, Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009
- SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. 4 ed. Tradução e notas de Vergílio Ferreira. Lisboa: Editorial Presença; Martins Fontes, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Questão de Método*. São Paulo: Abril Cultural, 1987.
- SCHIO, Sonia Maria. *Hannah Arendt: história e liberdade (da ação à reflexão)*. Caxias do Sul : EDUCS, 2006.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 140-161
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	------------